

coleccionador^o
de amig@s

Direção editorial
Claudiano Avelino dos Santos

Coordenação editorial
Alexandre da Silva Carvalho

Diagramação
Marcelo Campanhã

Ilustração de capa
Raoni Xavier

Impressão e acabamento
PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Roriz, João Pedro
O colecionador de amig@s / João Pedro Roriz. – São Paulo:
Paulus, 2015.

1. Ficção brasileira I. Título.

15-02114

CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura brasileira 869.93

Edição especial para Assistência Social
PAULUS – 2015

© PAULUS - 2015
Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 São Paulo (Brasil)
Fax (11) 5579-3627 • Tel. (11) 5087-3700
www.paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

7891210555458

JOÃO PEDRO RORIZ

o coleccionador de amig@s



13 de junho de 2014. 20h.

NÃO SAIA DE SUA CASA

Atenção, se você tem entre 12 e 18 anos e é dono de um *site*, não saia de casa desacompanhado. É certo que há um assassino em nossa cidade. Somente este ano, quatro adolescentes, todos blogueiros, foram mortos em circunstâncias misteriosas. Por meio de uma investigação particular, este *blog* descobriu que todos os jovens mortos tinham uma tatuagem nas costas com a assinatura de um terrível profissional do crime: “O colecionador de amig@s”.





Copos de plástico sendo amassados, barulho de dedos batendo no teclado de computadores, pessoas entrando e saindo, conversas paralelas e gavetas abrindo e fechando. Esse é o cotidiano de uma delegacia de polícia.

Oito horas da manhã, e Andrade já estava sentado em sua mesa, com a fumaça do café quente embaçando sua vista. Odiava o café da repartição. Tinha gosto de esgoto. Mas era melhor tomar a bebida quente e se manter acordado do que perder a batalha para o cansaço.

– Virou a noite, Andrade? – perguntou Luizinho, seu novo assistente, pendurando seus grossos casacos na parede.

– Pra você, é “Seu Andrade”.

– Cruzes, que mau humor. Devia ver o frio que está fazendo lá fora. Você ia odiar.

Andrade não estava com paciência para conversar. Seus olhos pulavam das órbitas ao ler com rapidez as linhas de um texto destacadas na tela de seu computador.

– Veja isso – disse Andrade.

Luizinho debruçou-se sobre a mesa do chefe e arregalou os olhos.

– Que maneiro! – exclamou o rapaz. – Eu nunca vi um *blog* tão divertido. De quem é?



Andrade apertou os olhos com pesar e, suspirando, respondeu:

– De um menino morto. Você vem comigo?

Luizinho sentiu um aperto no peito. No lado esquerdo dos *posts* estava a foto do rapaz com aproximadamente treze anos, dono de cabelos pretos e óculos que pareciam pender na ponta do nariz quando sorria.

Quando Luizinho se deu conta, Andrade já estava na porta.

– Espere... espere por mim – disse o assistente recolhendo seus pesados casacos na parede.

Rua Cipreste, uma rua sem saída. Ali, um mendigo recolhia papelão para queimar e se aquecer contra o frio quando encontrou a mão do jovem blogueiro no meio do lixo.

– Os pais do menino já haviam dado parte na polícia dois dias antes, na ocasião do sumiço do jovem – explicou Luizinho após inteirar-se totalmente dos fatos. – Até o momento, o que sabemos é que o jovem saiu de casa, num sábado de manhã, para comprar doces na padaria e não voltou mais.

Luizinho deu uns pulinhos de frio e bafejou as mãos geladas. Andrade ouviu o relato de seu assistente e, aproximando-se do pai do garoto morto, indagou-lhe com certa frieza na voz:

– Ele tinha inimigos na escola?

O pai do garoto ainda não se refizera do choque e, com os olhos arregalados, azul de frio e de tristeza, reuniu forças para responder:

– Não. O meu filho é um menino popular. Ele tem... – respirou fundo e corrigiu o tempo verbal – ele tinha muitos amigos e seu *blog* bate recordes de acessos na internet.

Andrade faria mais perguntas ao pai se a médica legista não intervisse:

– Andrade, pode me dar um minuto, por favor?

– Pois não.

– Esse menino não sofreu traumas – disse a médica. – Ele morreu de frio.

– Como é?

– Sim. O jovem estava vestido com as mesmas roupas de quando saiu de casa. Essas roupas não eram quentes o bastante. Algo o impediu de voltar para casa e ele acabou morrendo de frio na rua.

– Você tem certeza? – indagou o policial.

– Não é um relatório oficial, pois eu preciso analisar o corpo. Mas todas as análises preliminares indicam morte por hipotermia.

– Certo!

Andrade virou-se para o pai do adolescente e, indiferente a seu estado, indagou:

– O seu filho tinha alguma deficiência?

– Não – respondeu o homem. – Mas ele era epilético!

Andrade nem chegou a anotar a informação no bloco. Olhou para Luizinho e, chamando-o de volta para o carro, disse:

– Nosso trabalho com certeza acabou aqui. O garoto saiu de casa mal agasalhado, teve o azar de ter uma convulsão, desmaiou e, sem condições de voltar para casa, morreu por consequência da hipotermia.

– Espera, seu Andrade – disse Luizinho apontando para o cadáver. – Veja o que está escrito nas costas do rapaz.

Andrade respirou fundo e, colocando os óculos, afastou a vestimenta que cobria o corpo frio para ler uma tatuagem marcada com letras garrafais na pele do jovem:



– “O colecionador de amig@s” – leu Andrade.

Voltou a atenção para o pai da vítima que chorava desconsoladamente:

– Sabe alguma coisa sobre essa tatuagem?

– Não – respondeu o pai. – Ele nunca nos contou sobre isso. Mas havia meses que comemorava o recorde de acessos em seu *blog* e vivia se gabando pela marca de um milhão de amigos.

Andrade olhou para Luizinho e, como se quisesse torturá-lo pela perda de tempo, disse:

– Está vendo? Caso encerrado.

O despertador tocara às seis horas da manhã como de costume, mas Eliandro, com mãos rápidas, o fizera cessar a barulheira. Diante do computador, seus olhos iam e vinham enquanto os dedos teclavam com energia as últimas postagens de seu *blog*, o sucesso da rede “TheChasedBoy”.

– Eliandro! – gritou sua mãe da cozinha no andar de baixo da casa.

Logo o rapaz ouviria a sua velha mãe subir os degraus da escada.

– Cadê você? Anda! Está na hora da escola.

O rapaz até queria que a máquina trabalhasse na velocidade da luz, mas era impossível. Suas mãos ligeiras criavam códigos indecifráveis em HTML. O velho notebook já não acompanhava a velocidade de suas mãos e de seus pensamentos. Quando o jovem pensou que conseguiria escapar incólume de uma bronca, sua mãe já estava parada na porta de seu quarto, enraivecida:

– Passou a noite acordado de novo, mocinho?

Eliandro deu um tapa na testa, irritado:

– Ah, se eu ganhasse um real todas as vezes que eu escuto isso.

– Como é que é, garoto? – indagou a mãe com voz esganiçada. – Eu devo lembrar que o senhor é meu filho e que me deve respeito?

– Eu sei, eu sei, mãe – disse o rapaz ainda consertando os últimos errinhos na codificação do *site*. – Mas é que a senhora me persegue!

A mãe de Eliandro já recolhia as cobertas do rapaz:

– Você tem só catorze anos! Precisa dormir bem. E eu já falei que primeiro vem o estudo, depois o prazer. Você só pode usar o computador após a escola, nunca antes. Fica a noite toda pendurado nessa porcaria e depois dorme durante a aula.

– Isso não é porcaria, mãe. Isso é o meu trabalho!

A mãe de Eliandro franziu o cenho:

– Não me vem com essa conversa mole não, garoto. Essa é a última vez que eu...

– Já sei, mãe, já sei – disse Eliandro pegando a mochila.

A mãe do rapaz pegou uma caneca suja que estava sobre a mesa do filho e a cheirou:

– Isso aqui é café?

– Sim – disse Eliandro com naturalidade.

– Agora eu entendo porque fica acordado à noite. Você não tem idade para tomar café, garoto!

Eliandro revirou os olhos e buscou em seu íntimo as forças necessárias para manter a tranquilidade diante de tamanho acinte. Ficava magoado por não ver seus esforços reconhecidos por sua mãe. Ao mesmo tempo, sabia que ela jamais poderia entender a revolução que ele estava promovendo na internet: 900 mil seguidores em sua *fanpage* no Facebook, um *blog* de notícias acessado em todo o mundo, proposta das maiores editoras do país para produzir um livro

com seus artigos e até um convite para apresentar um quadro sobre tecnologia em um programa de TV.

Mas nem adiantaria aceitar qualquer um desses maravilhosos convites. Eliandro sabia que sua mãe jamais lhe daria permissão para trabalhar, a não ser na escola ou na igreja. No fundo, o jovem sabia que sua mãe apenas queria protegê-lo. Mas, ao mesmo tempo, julgava-se uma vítima das circunstâncias. Tentava imaginar por que Deus o teria feito tão diferente de sua mãe. Logo ela, que o tivera com cinquenta anos, quase um milagre da medicina. Até pouco antes do casamento, a mãe de Eliandro vivia com as irmãs do Convento Sagrado Coração de Jesus, em um triste claustro no interior do estado.

– Se seu pai estivesse vivo, ia tomar um tabefe por isso – resmungou a mulher recolhendo a caneca.

– Tabefe – riu o menino. – Ninguém usa essa palavra hoje em dia, mãe.

A velha ergueu a mão na direção de Eliandro:

– Mas você sabe muito bem o que significa. Então não vem dar uma de moderninho pra cima de mim não. Anda, vamos correndo, coloca o casaco que está frio.

Ao longo do caminho para a escola, Eliandro era ultrapassado pelos esfumaçados ônibus escolares, todos quentinhos, abrigando os jovens crânios daquela doce e pacata cidade.

Eliandro lembrava-se da briga que tivera com sua mãe no ano anterior, quando propusera a simples mudança de paradigma em relação ao ritual que tinha que seguir todos os dias de manhã:

– Mãe, a partir de agora quero ir de condução para a escola no inverno. É terrível caminhar quatro quilômetros



contra o vento todas as manhãs. As mães dos meus colegas pagam condução para...

– E você é igual ao filho dos outros? – rebateu a velha mãe. – Não senhor! Tem que caminhar de manhã pra fazer exercício! O frio vai embora quando a gente mexe os músculos.

– Mas mãe, a senhora tem dinheiro pra pagar a condução. Isso é tortura!

– Eu sei bem o que deseja, mocinho. Sabe que a escola fica aqui perto e quer ganhar mais tempo para ficar pendurado naquela máquina maluca. Não senhor! Em cima das minhas costas, não!

Diante de tamanha oposição, o rapaz nem colocou em pauta as outras mudanças que desejava discutir, entre elas a exclusão de ovos no café da manhã.

– Odeio ovos. Eu detesto ovos – reclamou o rapaz com dores lancinantes no estômago a caminho da escola.

Quando Eliandro entrou na escola, sentiu um clima pesado no ar. As pessoas não estavam conversando, havia um sentimento de profundo pesar entre todos os seus colegas.

Por ali, o velho pipoqueiro da escola mastigava pedacinhos de milho e mexia as pipocas armazenadas em seu carrinho.

– Oi, Pipo!

– Oi, garoto – disse o velho que, em trinta anos de serviços prestados naquela escola, jamais se dera ao trabalho de decorar o nome de qualquer aluno.

– O que está acontecendo?

Pipo mexeu as pipocas com mais tenacidade.

– Aconteceu alguma coisa séria com um dos alunos.

– Com quem? – perguntou Eliandro com os olhos esbugalhados.

– Com um dos meninos do oitavo ano.

Eliandro estava no nono ano, mas conhecia alguns meninos da série inferior com quem costumava trocar informações sobre *games*. Curioso, aproximou-se de um colega sentado próximo dali:

– Oi, Rasbergh.

Rasbergh tinha os olhos profundos de tanto chorar.

– O que está havendo, cara?

– Sabe o Cup Noodles?

Ele se referia ao Vicente, um garoto comprido e magro que vivia sugando uma bombinha de asma durante o recreio. Apelidado pelo resto do grupo de Cup Noodles, por ser considerado alto e mole demais nos esportes, era dono de um dos *blogs* mais famosos do país.

– Sim, eu o conheço. O que houve?

– Ele morreu de frio na rua, após uma convulsão.

– Meu Deus! – exclamou Eliandro. – Mas como isso foi possível?

– Nessa cidade gelada, em pleno inverno, quem duvida? – deu de ombros Rasbergh.

– E como estão os pais dele?

– Ah, você sabe, né... – respondeu Rasbergh segurando as lágrimas que teimavam em cair de seus olhos. – O sujeito era um pé no saco, mas, cara... eu fico com pena. O moleque foi comprar doce na padaria e não voltou pra casa.

Eliandro colocou a cabeça entre as mãos e, mesmo aturdido com a notícia, não pôde deixar de reparar na presença de dois homens de sobretudo que conversavam com o diretor da escola.



– Quem são aqueles caras? – indagou Eliandro.

– E eu sei lá! – respondeu Rasbergh, surpreso e assombrado com a saudade que já sentia de Cup Noodles.

Eliandro deixou Rasbergh para trás, caminhou em direção ao grupo de adultos reunidos na porta da coordenação e fingiu amarrar o tênis para ouvir a conversa. O mais gordo dos homens, um senhor com olhos cansados, mirou o jovem por alguns segundos e depois voltou a conversar com os outros dois homens.

– Sabemos que ele não era querido pelos colegas – disse Andrade ao diretor da escola.

– Nós temos uma campanha contra apelidos depreciativos neste estabelecimento educacional – explicou o diretor. – Mas não podemos impedir a livre expressão dos alunos. O jovem Vicente tinha um físico atípico e isso chamava a atenção de seus colegas, que o importunavam. Além disso, era mais magro que o comum, tinha bronquite asmática e possuía graves fobias sociais.

– O *blog* era uma forma de isolamento? – indagou Luizinho com um bloco de anotações nas mãos.

Andrade levantou a sobrancelha surpreso com a pergunta inteligente de seu assistente.

– Sim, acredito que sim – respondeu o diretor. – Conversávamos muito com a mãe do jovem sobre isso, mas a família não o incentivava a criar amizades fora do universo virtual.

– E a escola não fazia nada para ajudá-lo? – indagou Andrade.

– Fizemos algumas campanhas de arte-educação – esclareceu o diretor. – Cansamos de dizer ao Vicente que a internet deveria aproximá-lo e não afastá-lo das pessoas.

– Certo – bufou Andrade, entediado.

– Tomaria um café conosco? – indagou o diretor.

Mais um segundo de conversa com aquele senhor engravatado e Andrade certamente teria enxaqueca para o resto do dia.

– Não – disse o investigador. – Fiquei feliz com as informações que colhi. Obrigado!

O diretor virou-se para retornar à coordenação e acabou topando com Eliandro agachado atrás dele. O jovem viu o antigo diretor voar por cima de seu corpo e pousar de forma espetacular no chão.

– Eliandro da Costa Nunes! – gritou o homem sangrando, com a mão na testa machucada.

Eliandro sentia-se injustiçado. O diretor não sabia o nome de nenhum aluno, mas o dele, conhecia por inteiro. E quando um diretor de escola chama um aluno pelo nome todo é porque não gosta muito desse aluno.

– O que estava fazendo aí parado? – indagou o diretor com a mão na testa.

Eliandro queria responder, mas seus olhos não podiam deixar de se fascinar com o incrível espetáculo: o ferimento aberto na testa do diretor jorrava sangue como um vulcão em erupção.

– O sangue! Parece lava! – disse o menino, embevecido.

– Vai já pra diretoria! – exclamou o diretor com a camisa toda tingida de vermelho. – Depois que eu fizer um curativo na minha testa, teremos uma séria conversa.

– Olha quanto sangue! – disse, lívido, o rapaz.

O velho diretor levantou-se com a ajuda de um inspetor e dirigiu-se à enfermaria.

– Garoto! – uma voz rouca e grave atrás de Eliandro o fez tremer.



– Sim – respondeu o menino, virando-se.

A massa corporal de Andrade chegava a fazer sombra sobre o rapaz.

– Conhecia o falecido?

– O Cup Noodles? – indagou Eliandro engolindo em seco. – Na verdade, não muito. Eu só achava o *blog* dele muito, muito irado!

Luizinho concordou, com uma gargalhada desconexa. Andrade fitou o assistente com uma expressão de censura e, sem querer perder o prumo da conversa, indagou a Eliandro:

– Gosta de *sites*?

– Sim, muito! Eu também tenho um *blog*, o “The ChasedBoy”.

– Certo – disse Andrade virando as costas.

Eliandro viu Andrade se retirar e criou coragem para lhe perguntar:

– Não foi um acidente, certo?

– Como é? – indagou Andrade virando-se.

– O Vicente... a morte dele não foi acidental, certo?

Andrade era péssimo ator, mas sabia que às vezes, em seu trabalho, era preciso disfarçar:

– Na verdade, foi sim. Por que a pergunta? – indagou o detetive, cansado.

– Se ele tivesse morrido de frio após um mal súbito, com certeza a polícia arquivaria o caso. Mas não foi isso que a polícia fez. Vocês vieram aqui para recolher informações e interrogar pessoas. O que a polícia já descobriu sobre o assassino?

– Assassino? – indagou Andrade tentando não transparecer a surpresa que sentia por ter sido reconhecido como policial pelo menino.

– Sim. Se existe investigação, é porque houve um crime. E se houve um crime é porque houve um assassino.

Andrade sacou um maço de cigarros do bolso, escolheu um dos rolinhos venenosos de forma automática e levou-o à boca.

– Não é permitido fumar aqui, senhor! – disse Eliandro. – Estamos em uma escola. É precisa dar exemplo aos mais jovens.

Andrade retirou o cigarro da boca, e impaciente, saiu resmungando.

– Fedelho irritante.



O desenvolvimento da vida na Terra é um dos maiores mistérios da natureza. Sabe-se que, há milhões de anos, uma mutação genética causada por uma imensa descarga elétrica permitiu que uma molécula inanimada ganhasse vida e se tornasse um organismo unicelular.

Após isso, veio a evolução, o que permitiu o desenvolvimento da vida animal em nosso planeta. E o homem foi eleito por Deus para ser o mais evoluído entre todos os seres vivos na natureza.

Andrade refletia sobre esse tema enquanto observava Luizinho equilibrar um guarda-chuva na cabeça em plena repartição. Os policiais aplaudiam o espetáculo enquanto o jovem tentava, a todo o custo, subir em uma cadeira sobre uma mesa sem deixar cair o objeto.

– Vai Luizinho, meus cinco contos dependem de você!
– gritou um colega do rapaz que inocentemente apostara no sucesso do jovem como equilibrista.

– Cai, cai, cai, cai! – gritava o coro daqueles que apostaram contra o rapaz.

Andrade suspirou e sentou-se em sua mesa. Tinha em suas mãos o resultado dos exames enviados pela médica legista. Respirou profundamente e abriu o envelope. Seus olhos se assombraram:

Não foram encontrados quaisquer danos cerebrais recentes no indivíduo que sustentem a tese de uma convulsão. O jovem foi colocado em estado de coma pelo uso de clorofórmio.

A morte se deu por conta da hipotermia, ou seja, excesso de frio. Mas, com base em dados coletados no corpo em laboratório, foi possível constatar que o jovem faleceu após ser exposto a uma temperatura de 15 graus negativos.

Desde que fora indicado a cuidar desse caso, Andrade tinha a intuição de que estava lidando com um assassinato. Estava cansado, e preferia que se tratasse apenas de uma tragédia accidental, mas o resultado dos exames necrológicos lhe mostrava que teria que adiar, pelo menos por mais algumas semanas, o seu pedido de aposentadoria.

Gritos fizeram com que Andrade perdesse a concentração. Luizinho se desequilibrou na cadeira e caiu sentado no chão com o guarda-chuva em seu colo. Uma gritaria explodiu junto com o tombo. O único policial que apostara no sucesso de Luizinho aproveitava a queda do rapaz para dar-lhe chutes inofensivos, enquanto o resto do grupo ria da forma espetacular como o jovem despencou do alto da cadeira.

– Idiota! – xingou Andrade. – O trabalho nos espera, vamos!

Luizinho levantou-se com dificuldade e partiu atrás do chefe com as mãos nas costas.

Dentro do carro, Luizinho indagou a Andrade:

– E então, chefe, saiu o resultado?

Andrade passou o papel com o resultado dos exames para o assistente e dirigiu o carro até a casa dos pais do menino morto. Luizinho sentia-se afrontado:

– Quem assassina um jovem desse jeito?

Andrade tinha a mesma dúvida. Pensava em algumas linhas de investigação, como o bullying, já que se tratava de um menino hostilizado na escola; vingança, devido a alguma disputa com um colega; ou tentativa de sequestro.

– Temos que agir rápido – disse Andrade. – O assassino ganhou tempo com o erro de minha análise preliminar e todos sabem que as primeiras horas de investigação após um crime são essenciais.

– O que tem em mente, chefe?

– Esse menino passava horas na frente do computador. Se ele estava em apuros, é através do equipamento dele que saberemos o que aconteceu.

Andrade estacionou o carro na frente da casa dos pais de Vicente. O frio tinha dado uma trégua, mas ainda machucava o rosto daqueles que caminhavam pela calçada.

A mãe de Vicente abriu a porta para os policiais e, com um gesto automático, mostrou o caminho para que entrassem.

– Desculpe a visita inesperada, senhora. Sabemos que é um momento difícil, mas precisamos conversar sobre Vicente.

As palavras de Andrade não pareceram surtir efeito sobre a mulher.

– Meu filho era um menino bom – disse a moça. – Por que não nos deixam em paz?

Andrade se deu conta de que a mulher ainda não sabia que se tratava de um assassinato e que cabia a ele a função de dar a notícia.



– Senhora, houve uma mudança na linha de investigação após o resultado do exame necrológico.

– Quando me deixarão enterrar o corpo do meu filho?
– indagou a mulher com o rosto tenso.

– Não tenho como dizer, senhora, já que agora o corpo do seu filho se transformou na prova mais importante desse crime.

A mulher levantou os olhos assustada:

– Crime?

– Sim, senhora. A morte de seu filho não ocorreu por acidente. Foi algo premeditado. Tudo indica que ele foi sequestrado, intoxicado e morto.

– Oh, meu Deus! – gemeu a mulher.

– Sinto muito, senhora – disse Andrade.

A mãe de Vicente colocou as mãos na barriga e, sentindo uma terrível dor, tentou deixar a sala, mas acabou vomitando na frente dos policiais.

– Santo Deus! – exclamou Luizinho. – Deixe-me ajudá-la, senhora.

Foram necessárias horas de espera para que a mulher pudesse falar algo. Andrade mobilizou toda a sua equipe. Um psicólogo da polícia e até um padre foram chamados para dar à mãe o apoio necessário.

Mas não adiantou. Andrade conseguiu da mulher apenas uma autorização para entrar no quarto da vítima e recolher as provas que fossem fundamentais para a investigação.

– Nossa! – exclamou Luizinho assim que entrou no quarto do jovem morto.

As paredes piscavam com luzes de neon fluorescentes. Uma televisão de 60 polegadas tomava conta do quarto, ao

lado de aparelhos extremamente caros. Próximo da TV, o computador do jovem, customizado pelo próprio adolescente, brilhava no escuro.

– O quarto dele é mais bonito que o *site* – disse Luizinho, assombrado com tantas novidades.

Andrade usou a internet do seu celular para recolher informações sobre os equipamentos de Vicente e chegou a uma importante conclusão:

– Esse menino era rico! Só um garoto com tanto dinheiro poderia comprar essa aparelhagem.

Entre mesa de edição de vídeo, câmera, um estúdio completo com link para transmissão ao vivo, bancada para apresentação, um suporte técnico de primeira qualidade, pôsteres autografados por grandes gênios da informática e um *video game* ultramoderno, Andrade pensou na hipótese de um sequestro malsucedido.

– Mas quem faria isso? – indagou-se o policial. – A contar pela modéstia da casa e do estilo de vida humilde dos pais do menino, seria necessário que o suposto sequestrador conhecesse o rapaz intimamente para saber que se tratava de alguém tão rico.

– Que tal um dos leitores do *blog*? – indagou Luizinho.

– Estamos falando de mais de um milhão de internautas – suspirou Andrade.

O inspetor colocou o nome completo de Vicente no Google e, para sua surpresa, descobriu que havia centenas de *sites*, jornais e revistas virtuais falando sobre o jovem. Em muitos, o próprio Vicente aparecia sorrindo em programas de *webtv* ou dando dicas em vídeo para jovens blogueiros.





– Esse menino era mais famoso do que seus pais ou professores imaginavam – disse Andrade, totalmente surpreendido com o mundo paralelo que se revelava diante dos seus olhos. – Estamos tentando desvendar o assassinato de uma celebridade.

Eliandro mal chegou em casa e já escutou a voz estridente de sua mãe:

– Não demora pra fazer o dever de casa.

– Boa tarde pra você também, mãe! – resmungou Eliandro.

O menino estava extremamente cansado das cobranças de sua mãe. Ela sequer sabia se o professor havia passado algum dever de casa.

– Isso porque ela não pergunta como foi o meu dia – seguiu resmungando o jovem. – Ela só quer saber de cobrar, cobrar e cobrar.

Era mais do que isso. Eliandro sentia que sua mãe tinha repulsa por tudo que era considerado moderno. Sua casa era apinhada de grossas e pesadas enciclopédias que, desde pequeno, o jovem era obrigado a ler. Uma vez tentara convencer sua mãe de comprar para ele um acesso *on-line* a uma novíssima enciclopédia digital e a resposta dela foi categórica:

– De jeito nenhum! Enciclopédia boa é a de papel, em formato de livro bem antigo e pesado.

Aquelas enciclopédias eram, em muitos aspectos, ultrapassadas. Eliandro sabia que, se pudesse ter um celular com internet, teria muito mais êxito nos estudos e na criação de conteúdos para seu *site*. Mas nem mesmo conexão de banda



larga ele possuía em sua casa. Ele só conseguia entrar na internet porque o vizinho liberara a senha do *wireless*. Mesmo o seu computador, presente de seu falecido pai, já se encontrava ultrapassado e não atendia mais às muitas demandas do jovem blogueiro.

– Eu tenho um trabalho a fazer – informou Eliandro à sua mãe largando a mochila sobre a cama –, mas é *on-line*.

Ouviu sua mãe responder da cozinha:

– Olha na letra “O” da enciclopédia para saber quem foi esse tal de “onlaine”, e com certeza o achará.

Eliandro riu. Desde o ano anterior, os alunos de sua classe tinham aulas *on-line*, algo que sua mãe jamais conseguiria entender.

Depois de fazer o dever de casa, Eliandro começou a postar fotos e textos para alimentar o seu *blog* com conteúdos. Entrou na internet, se inteirou dos fatos do dia, criou charges de humor, montagens divertidas com fotos, textos sobre assuntos cativantes e algumas resenhas dos últimos livros que leu. Por último, postou todo o material nas redes sociais, recebendo os melhores comentários de seus seguidores:

– Uau, demais!

– Divertido!

– Parabéns!

– O que você vai escrever amanhã?

Em poucos minutos, seus *posts* já possuíam dezenas de comentários. Eliandro olhou com orgulho para o contador de acessos de seu *blog*. Ele possuía em torno de mil visitas por dia. Em seu Facebook, novos adeptos: dois garotos, uma menina com cara de revoltada, um fake e uma garota linda chamada:

– Melissa! – deslumbrou-se o rapaz.

Imediatamente, o jovem acessou o perfil da moça. Ela tinha cabelos longos cacheados de cor caramelo, olhos grandes e fazia biquinho em todas as fotos diante do espelho.

– Linda, linda demais! – exclamou o rapaz.

Não demorou muito, o chat do Facebook apontou uma nova conversa.

– Oi, cara! Li hoje o seu *blog*! Muito legal!

Eliandro não pôde acreditar. Aquela moça linda estava conversando com ele.

– Como é o seu nome de verdade? – perguntou Melissa.

Eliandro usava a internet havia anos e sabia que precisava tomar certos cuidados em relação à sua verdadeira identidade.

– Meu nome é ChasedBoy, ora – escreveu o jovem.

– Eu queria conhecer o rosto da pessoa que escreve coisas tão inteligentes.

Melissa imediatamente enviou uma foto pelo chat. Eliandro abriu o arquivo e admirou a beleza da moça por alguns instantes.

– Vai, manda uma foto tua! – pediu Melissa.

Eliandro se sentiu tentado em mandar uma foto pelo chat do computador. Mas sabia que não devia fazer isso por três motivos:

① – Ele não queria que as pessoas soubessem de sua verdadeira identidade.

② – Eliandro não sabia se Melissa existia de verdade ou se era um perfil fake de algum tarado ou mesmo de algum ladrão.

③ – Ele tinha medo de que Melissa o achasse feio.



Sentindo-se em uma sinuca de bico, Eliandro propôs o que lhe parecia ser mais seguro no momento:

– Vamos usar o Skype?

Melissa demorou para responder, mas Eliandro sabia que as meninas de modo geral correm para se arrumar quando surge esse tipo de convite no chat.

– Ok! – respondeu a jovem.

Eliandro comemorou como se o Brasil fosse campeão do mundo. A campainha engraçada do Skype tocou e Eliandro, sem medo de ser feliz, clicou no botão que dava acesso do programa à sua webcam.

Mil *pictures* ocuparam espaço no ambiente. Logo surgiu Melissa, linda como na foto, dona de um olhar profundo, porém tomado de certa ingenuidade.

– Oi – disse Eliandro, com voz tímida.

Melissa permaneceu calada.

– Ei, o que foi? – indagou o rapaz.

Melissa nada disse. Preferiu teclar no computador:

– Você é só um menino...

Indignado e assustado, Eliandro também digitou:

– Sim, o que esperava? Que eu fosse um ET?

Melissa fez cara de tédio na tela e digitou:

– Não. Pelo teor dos seus textos, achei que fosse mais velho.

Eliandro riu:

– Isso é uma espécie de elogio? – escreveu.

– Na verdade, não! – respondeu a moça através de texto.

Eliandro, indignou-se:

– Por que não fala comigo? – indagou em voz alta, e depois escreveu: – Você é uma daquelas meninas idiotas que acha que é melhor do que todos?

Melissa assombrou-se com o desrespeito do jovem e respondeu por escrito:

– Não. Eu estou com o microfone quebrado. Você que, pelo visto, é um desses nerds idiotas que não sabem conversar direito, têm mania de perseguição e adoram se isolar através do computador.

É impressionante como as pessoas se tornam frias e cruéis quando escrevem algo na internet. Eliandro tomou aquela resposta como uma ofensa pessoal, desligou o Skype e deitou-se na cama. Ficou olhando para cima pensando na vida. Havia anos dedicava-se ao *blog* e esse trabalho o consumia. Não tinha amigos reais, apenas virtuais. Não conseguia se entender com sua mãe e sequer paquerar através do chat.

– A vida real é chata – disse Eliandro, amuado. – Tudo que eu queria na vida é que as pessoas me entendessem.

Agarrado ao travesseiro, Eliandro chorou.

– Se meus fãs me vissem agora – disse Eliandro entre lágrimas –, não iam me achar assim tão legal. Descobririam que eu sou uma fraude. Pois é isso que eu sou: uma fraude, um grande ícone fake.

Eliandro não sabia, mas, de fato, alguém assistia àquela cena. Mesmo com o Skype desligado, sua webcam continuava funcionando normalmente. E era através de uma imagem em preto e branco que, do outro lado da tela, alguém observava a cena do jovem Eliandro chorando desconsoladamente.



Eliandro estava na aula de História quando o diretor apareceu na sala à sua procura:

– Preciso que me acompanhe.

– Por quê? O que houve? – indagou o rapaz.

– Sua mãe está aguardando na recepção para levá-lo ao médico.

– Ao médico? – protestou Eliandro. – Mas eu não estou sabendo de nada.

Eliandro levantou-se e foi ao encontro de sua mãe.

– Pode me dizer o que está acontecendo? – indagou o rapaz ao entrar no carro.

– Eu é que pergunto! Eu é que pergunto! – disse a senhora com cara de poucos amigos procurando um papel dentro da bolsa.

– Que história é essa de médico? – indagou Eliandro.

A mulher não respondeu e dirigiu o carro até o estacionamento de uma clínica chamada “Revelar”.

– Que lugar é esse, mãe?

– Agendei uma consulta com um psiquiatra.

– Um o quê? – indagou Eliandro, atônito.

A mulher já havia saído de dentro do carro havia tempos.

– Mãe, me explica o que está acontecendo! – implorou o jovem. – Eu não preciso de psiquiatra.



– Isso quem vai me dizer é ele e não você.

Os dois sentaram-se na recepção da clínica. Por ali, havia um homem com olhar vago, perdido no horizonte.

– Para de olhar para os malucos! – bronzou a mãe.

– Por quê? – indagou Eliandro. – Se eu sou um deles, posso muito bem olhar.

– Você é teimoso igual ao seu pai.

Eliandro perdeu-se em seus pensamentos, mas logo reparou que o homem à sua frente o olhava de forma fixa com um sorriso no rosto.

– Do que ele está rindo? – indagou o rapaz para a sua mãe.

– Não sei – respondeu a mulher. – Acho que você abriu a Caixa de Pandora.

– “Caixa de Pandora”? – indagou o rapaz, confuso.

– Eliandro da Costa Nunes! – gritou o diretor da escola.

Eliandro acordou com um engasgo. A turma toda deu gargalhadas.

– Dormindo novamente na aula, garoto? – indagou o diretor, irritado.

– O que foi? O que aconteceu? – indagou o menino.

– O que aconteceu é que eu vim buscá-lo para conversar com a sua mãe e o encontrei dormindo em plena aula de História – explicou o diretor.

– Desculpe! É que ontem eu tive que fazer uns trabalhos *on-line* e acabei indo dormir tarde.

– Acompanhe-me! – ordenou o diretor, de forma rígida.

Ao chegar à Coordenação, encontrou sua mãe sentada diante da mesa da psicóloga da escola.

– Eliandro, seja bem-vindo! – disse a psicóloga. – Como sabe, temos um programa para apoio às famílias em

nossa escola, e sua mãe chegou aqui bastante preocupada com você.

Eliandro se incomodou ao perceber que na sala havia enorme movimento de pessoas.

– Sente-se – convidou a psicóloga.

– Não – respondeu o garoto.

– Como não? – indagou a especialista.

– Eu não disse? – indagou a mãe com voz de censura. – Ele anda assim, respondão!

– A senhora me mandou sentar e eu disse não – respondeu Eliandro.

– Senta logo aqui e não me faça passar vergonha, garoto – explodiu sua mãe.

– Não, mãe. Eu não vou abrir a minha Caixa de Pandora assim, na frente de todos.

A psicóloga lançou um olhar curioso para Eliandro. A mãe protestou:

– Caixa de Pandora? Que diabos é isso, Eliandro? Certamente é um desses jogos alucinantes que queimam os neurônios desses pobres adolescentes.

– Não, senhora – disse a psicóloga. – “Caixa de Pandora” é um mito grego, é uma simbologia muito bonita sobre as descobertas dos sentimentos humanos. Onde leu sobre isso, Eliandro?

– Eu não li – respondeu o jovem com tom irônico. – Eu aprendi jogando um desses *games* alucinantes que queimam os neurônios dos pobres adolescentes.

A psicóloga riu:

– Bom, isso prova que os *games* também nos ensinam algo.

A mãe de Eliandro lançou um olhar atônito para a psicóloga. Eliandro continuou:



– Minha mãe odeia computador e tudo que é moderno. Mas eu não vou conversar sobre isso aqui na frente de todo mundo!

A psicóloga sentiu que o menino tinha razão e, levantando-se rapidamente, convidou ambos para uma sala vazia, onde certamente poderiam conversar com maior privacidade.

– Me desculpe, Eliandro – disse a psicóloga. – Você tem toda a razão. São tantos alunos e tantos atendimentos que às vezes nos esquecemos dos seus direitos mais básicos.

Os três se encaminharam para a sala vazia. A mãe de Eliandro fez um muxoxo:

– Hum, eu não sei para que tanta frescura. Esse garoto apronta e depois não quer que ninguém saiba.

– Tá vendo como ela me persegue? – reclamou Eliandro, irritado. – O que foi que eu fiz dessa vez?

– Deixou de fazer o dever de casa novamente. Pensa que eu não vi a enciclopédia fechada?

– Enciclopédia, mãe? – indagou o garoto com certo ceticismo na voz. – Isso é coisa de gente velha. Eu uso computadores para fazer pesquisa!

A psicóloga sentia que havia um conflito grave entre os dois, mas entendia que não era hora de intervir. Portanto, deixou que os dois colocassem para fora seus aborrecimentos:

– Não é porque você não conhece que eu tenho que deixar de usar as coisas que a minha geração curte, mãe – argumentou Eliandro com lágrimas nos olhos.

– Se eu não quisesse que você usasse esses brinquedos eletrônicos, você não usaria, mocinho. Não é porque você tem acesso a essas coisas modernas que tem o direito de menosprezar os livros e o respeito que deve à sua mãe.

Eliandro rebateu:

– A senhora pensa que merece respeito, mas só sabe cobrar. Tudo para você é cobrança. Você não me dá carinho, não me dá atenção. É só crítica e mais crítica. Eu não faço nada demais, a não ser usar o computador para me comunicar com as pessoas que eu gosto, porque você e meu pai nunca me ensinaram a me relacionar com ninguém.

Fez-se o silêncio na sala. A psicóloga olhou para a mãe de Eliandro e, diante da expressão de pânico da senhora, lhe disse:

– Seu filho está expondo a fragilidade dele. Até esse momento, a senhora mostrou apenas o seu lado forte. Mostre também o seu lado frágil. Quem sabe assim ele não entende melhor o seu ponto de vista.

Mas a mãe de Eliandro nem parecia escutar a psicóloga.

– Ele enlouqueceu! – disse a mulher, rígida feito pedra. – Agora deu para falar comigo aos berros. Ele não me obedece, não sabe o que é autoridade. Acha que pode fazer o que quer na vida.

– Pois eu posso, mãe, eu posso! – disse Eliandro.

– Não pode não! – gritou a mãe. – Até completar dezoito anos, você é responsabilidade minha. A vida é dura. A vida é imposição. A vida não é um *video game*. Não dá para cometer erros e depois voltar atrás como nos jogos. Você não sabe a dificuldade que eu tive para te dar estudos, garoto. Estudos esses que eu nunca tive! Eu sonhei com um filho que fosse dedicado à escola, que se empenhasse para fazer um concurso público de qualidade, que ganhasse um ordenado certo no fim do mês e que me desse orgulho! Desde pequena eu sonho com isso. Meu pai era um fanfarrão. Eu morria de inveja dos meus amigos que tinham pai trabalhando no serviço público. Eu não posso aceitar que meu futuro neto passe pela mesma situação. Não quero que você seja um desses



homens com cabeça de criança que se dedicam a uma vida de vícios, jogos e dívidas atrás de um computador.

Eliandro sentiu pena de sua mãe ao vê-la chorar. Fazendo um enorme esforço para engolir seu orgulho, apoderou-se de suas mãos em um gesto de boa vontade.

– A senhora tem medo, mãe. Eu também tenho. Eu sei que a vida não é fácil. Mas eu sigo a minha intuição. Eu amo computadores e sou bom no que eu faço. A senhora não sabe de todas as minhas conquistas, mãe. Quero uma chance de mostrar para a senhora.

A mãe de Eliandro percebeu que a psicóloga estava mais inclinada a aceitar os argumentos de seu filho. Certa de que precisava fazer algo para reverter a situação desfavorável em que se encontrava naquela conversa, disse:

– Ele diz que está bem, mas não está! Agora deu para falar sozinho. Está completamente louco. Ontem inclusive dormiu chorando.

– O quê? – indagou Eliandro. – Você estava me espionando por trás da porta, mãe?

– Espionando, não! – exclamou a mulher. – Eu sou sua mãe, aquela casa é minha e eu tenho a obrigação de cuidar de você.

– A louca é ela! – acusou Eliandro atirando as mãos para os ares. – Eu estava apenas conversando com uma menina no Skype!

– Olha como fala comigo, mocinho! – rebateu a mulher.

A psicóloga sentia que estava perdendo contato com os dois e, com o propósito de mudar de assunto, indagou:

– Fale mais sobre essa menina.

– Que menina, que menina? – indagou a mãe, ensandecida.

Eliandro corou, mas, entendendo que aquilo se tratava de uma estratégia da psicóloga, disse:

– É uma menina que gosta muito do meu *blog*. Ela pediu para conhecer a minha verdadeira identidade e, pela primeira vez na vida, eu deixei.

– E você gosta dela? – indagou a psicóloga.

– Não sei, acho que sim.

A mãe de Eliandro se sentia vendida no meio daquela conversa:

– Espere um pouco – disse a mãe. – Você não tem idade para namorar.

– Nem para tomar café – completou Eliandro olhando para a psicóloga com um olhar triste.

A psicóloga sorriu. Eliandro entendeu que a situação de fato era bem engraçada e acabou deixando de lado a tristeza para sorrir também.

A mãe do garoto continuava a falar:

– ... porque aí começa a tomar café, se vicia, daí depois vai querer cheirar maconha.

– Maconha não se cheira, mãe – explicou Eliandro.

– Tá vendo? – gritou a mãe apontando o dedo para Eliandro. – Já está sabendo tudo sobre o assunto!

Eliandro e a psicóloga ficaram mudos.

– O que é? O que foi? – indagou a mulher. – Por que vocês dois estão mudos?

A psicóloga bebeu um gole d'água ao perceber que teria muito trabalho com essa família, principalmente com a mãe de Eliandro.

– Eliandro, pode voltar para a sala – disse a psicóloga. – Eu e sua mãe pensaremos em uma severa lição para você.



O rapaz teve o ímpeto de questionar o motivo, mas logo entendeu que, mais uma vez, a psicóloga usava um artifício para ficar a sós com a mãe e quem sabe, apresentar argumentos em defesa dele, sem, contudo constrangê-la diante do filho.

– Certo – disse Eliandro. – Até mais, mãe!

A mãe do rapaz ajeitou-se na cadeira, aliviada, certa de que finalmente havia sido compreendida.

Na delegacia de polícia, Andrade reclamava:
– Eu estou ultrapassado para lidar com esse caso. Quer dizer que o computador do Vicente possuía um dispositivo que o espionava através de sua própria webcam?

– Sim – respondeu o perito especializado em tecnologia, um homem careca vestido num terno impecável. – Na verdade, o criminoso conseguiu, através de um vírus, clonar o computador de sua vítima e ter acesso a todas as informações sobre ela.

– E como ele fez isso? – indagou Luizinho.

– Esse vírus pode ser enviado através de e-mail, arquivos *on-line* e até chat de computador.

Andrade levou as mãos à cabeça:

– Na minha adolescência, tudo era muito mais fácil.

Luizinho fez coro:

– Hoje crianças têm iPhone, PlayStation e *notebook*. Eu, na minha infância, só tinha piolhos.

Assim que terminou de resmungar, Luizinho deu uma leve coçadinha na cabeça. Irritado, Andrade desabafou:

– O que me preocupa é que, só esse ano, quatro blogueiros apareceram mortos, todos em circunstâncias misteriosas.

Luizinho ponderou:



– Mas o delegado garantiu hoje cedo para a imprensa que os crimes não estão relacionados. Os corpos foram encontrados em épocas e regiões diferentes. Foi apenas uma terrível coincidência.

Andrade torceu o nariz.

– Não fale besteiras. Juntos, esses quatro jovens tinham a maior quantidade de seguidores da internet.

Andrade colocou uma enorme folha de papel sobre uma mesa com as fotos dos 4 jovens mortos e seus respectivos apelidos:

– Veja. O rapaz encontrado morto em São Paulo possuía um *blog* evangélico chamado #TheMasterKing. Ele foi chicoteado e obrigado a carregar dois pesados troncos de madeira até um local onde morreria crucificado. A blogueira de Porto Alegre, que se autodenominava #PoorGirl, foi sequestrada e privada de água e comida até a morte, depois seu corpo foi deixado com vestes de mendiga debaixo de um viaduto. O blogueiro do Rio conhecido como Discover foi emparedado vivo. Ao longo de duas semanas, o assassino enviou dicas para a polícia de onde poderia encontrar seu corpo. E por último, o pobre Vicente, morto em nossa cidade, atendia na internet pelo nome de FrozenGuy e morreu vítima de congelamento. Estamos pedindo aos inspetores responsáveis por cada caso que nos enviem informações sobre os computadores das vítimas e o mais importante, se eles possuíam alguma marca de tatuagem no corpo.

Luizinho não era tão esperto quanto pensava. Num súbito momento de inspiração, chegou a uma conclusão que todos já conheciam:

– Inspetor, o senhor percebeu que todos os apelidos se relacionam com a forma como os adolescentes foram mortos?

O inspetor e o perito em tecnologia se olharam, entediados. Luizinho continuou:

– Não que eu seja muito bom em inglês, mas é que eu fiz um cursinho *on-line*, daqueles que tem professoras americanas 24 horas por dia. Daí eu aprendi um pouquinho. Deu pra sacar que Master King significa “grande rei”, poor girl significa “menina pobre”, Discover significa “descobrir” e FrozenGuy...

Luizinho olhou para os lados e percebeu que estava falando sozinho.

– ... significa “cara gelado” – completou o rapaz.

Andrade estava ansioso como nunca. Ele sabia agora que tinha uma chance de encontrar o misterioso assassino de blogueiros. Ele já sabia qual era a motivação do assassino: exterminar os donos de *blog* com o maior número de acessos do país e, dessa forma, podia determinar qual seria a quinta vítima. Ficou preocupado e, ao mesmo tempo, animado quando o especialista em tecnologia descobriu que o quinto *blog* mais acessado do país era o TheChasedBoy, e que ele pertencia a um menino de catorze anos chamado Eliandro da Costa Nunes. Imediatamente lembrou-se do diretor da escola caindo por cima de um menino curioso, que fingira amarrar os sapatos para escutar a sua conversa sobre a morte de Vicente. Esse menino, Eliandro, poderia colaborar e muito com a investigação.

– O senhor Eliandro da Costa Nunes, por favor – solicitou o investigador na porta da casa do rapaz, diante da mãe, mostrando-lhe o distintivo.

– Só um minuto – disse a mãe, desconfiada, entrando para chamar o filho.

Assim que Eliandro apontou na sala de casa, Andrade disse:



– Senhor Eliandro?

– Sim – disse o rapaz, temeroso.

– O senhor deve se encaminhar juntamente com sua mãe para a delegacia.

A mãe de Eliandro esbugalhou os olhos. Eliandro saiu correndo em direção ao seu quarto, perseguido pelo policial.

– Volte aqui.

Eliandro entrou em seu quarto, tirou o *notebook* de cima da mesa e atirou o equipamento pela janela. O policial entrou no quarto e segurou o rapaz.

– Por que está prendendo o meu filho? – indagou a mãe de Eliandro, assustada.

– Eu não estava. Mas agora estou! Eliandro, você está preso, sob acusação de assassinato.

— **V**ocê ficou completamente maluco? – indagou o delegado.

Andrade não sabia o que responder e pediu calma ao chefe.

– Calma o escambau! – respondeu o delegado, ensandecido. – Você sabe o que pode acontecer com você se a mãe desse menino resolver processar a polícia?

– Eu já expliquei – defendeu-se Andrade. – Eu queria apenas convidar o rapaz para depor, mas daí o garoto fugiu! Com isso, ele confirmou as minhas suspeitas.

– Que suspeitas, Andrade? – gritou o delegado. – Eu já falei que não há relação entre os crimes. Essa foi a minha declaração para a imprensa. Agora você prende esse menino acusado de quatro assassinatos. Um menino que mal saiu das fraldas! Assim você me expõe, me coloca num prato para ser devorado pelos leões!

– Mas doutor, está claro como água. Esse menino é dono do quinto maior *blog* do país, o TheChasedBoy, em português, “o menino perseguido”. Todos os blogueiros foram executados de acordo com o apelido. Segundo o ponto de vista do assassino, a culpa pelos quatro assassinatos deveria recair sobre Eliandro, para que ele de fato se sentisse perseguido, como sugere seu *nickname*. Uma vez preso, ele



também deixaria de escrever seu *blog* e o assassino concluiria seu plano.

– E pelo visto, o assassino conseguiu o que queria! – gritou o delegado apontando para Eliandro sentado em uma cadeira dentro de uma sala de espelhos.

Andrade respirou fundo e continuou:

– Mas eu acho que tudo isso é uma arapuca que Eliandro armou para a polícia. Uma arapuca para ficar livre de qualquer suspeita.

– Por que você acha isso, Andrade? – indagou o delegado, sem paciência.

– Instinto! Esse rapaz é lívido por sangue. Você precisava ver a cara dele quando o diretor da escola se feriu na testa e empapou a camisa de vermelho.

O delegado respirou profundamente e rebateu:

– Mas para prender alguém é necessário haver uma coisinha simplinha conhecida como PROVA! – gritou o homem.

– Ele fugiu! – respondeu Andrade sorrindo de nervoso. – Eu tenho todos os argumentos necessários para prendê-lo. Por qual motivo ele jogaria o computador pela janela? Nossa equipe técnica já está analisando o equipamento.

O delegado limpou o suor da testa com a gravata.

– E qual seria a motivação desse pirralho para cometer os terríveis crimes que estamos investigando?

– Ambição! Ele queria ser o dono do maior *blog* do país. Sua motivação era clara: ele queria fama, sucesso e riqueza, mas para isso precisava eliminar os concorrentes.

O delegado pegou um copo com café, mexeu a colherinha dentro do líquido escuro e, tomando aos golões, disse, com tom amargo na voz:

– Consiga uma confissão. Só isso poderá ser capaz de salvar você de perder seu emprego às vésperas de se aposentar.

O delegado virou as costas e seguiu para a sua sala. Andrade deu um chute num armário e, com a raiva contida, entrou na sala de depoimentos, onde Eliandro e sua mãe aguardavam.

– Olá, ChasedBoy – disse Andrade.

– Quando meu filho poderá sair dessa delegacia imunda? – indagou a mãe de Eliandro abraçada ao filho.

– Aqui sou eu quem faz as perguntas, senhora. Por que atirou o computador pela janela?

Eliandro respirou fundo e respondeu:

– Fiquei com medo de vocês descobrirem que estou fazendo uma investigação paralela sobre as mortes dos blogueiros para o meu *site*. Ainda ontem, eu publiquei um *post* sobre a tatuagem impressa em todos os adolescentes mortos com a assinatura do assassino.

Andrade anotou a informação.

– Preciso saber onde estava no dia de cada morte.

A mãe do garoto se antecipou:

– Ele estava em casa. Eu já respondi isso a seu assistente.

Andrade fixou os olhos em Eliandro e, com tom cético na voz, disse:

– Sabe que encontraremos a fonte dos vírus no seu computador. Sabe que ali encontraremos o diálogo que travou com todos os blogueiros que matou. Por que não revela logo a maneira como cometeu todos esses crimes para pensarmos em atenuantes para a sua pena.

– Atenuantes? – indagou o rapaz.

– Sim – disse Andrade. – Você é jovem, tem apenas catorze anos. É certo que cumprirá pena em regime fechado



por quatro anos, mas uma confissão poderá impedi-lo de ser enviado a um manicômio judiciário após a maioridade.

– Meu filho é inocente! Ele não fez nada! – irritou-se a mãe do garoto.

Andrade continuou firme em sua inquirição:

– Sabemos de sua verdadeira motivação para praticar esses crimes, Eliandro. Não era só uma questão de fama, não é mesmo? Havia muita grana envolvida em toda essa jogada.

A mãe de Eliandro olhou para o filho, assustada, e indagou:

– Do que ele está falando, meu filho?

Andrade apontou para uma pasta que estava sobre a mesa, diante de Eliandro e sua mãe.

– Abra a pasta e mostre esses dados para sua mãe, Eliandro.

Eliandro abriu a pasta e, revirando os olhos, disse:

– São apenas valores depositados em meu nome numa conta bancária virtual – disse o rapaz.

– Como assim? – indagou a mãe do menino. – O que isso quer dizer, Eliandro?

Andrade respondeu por ele:

– Ganhos de publicidade, minha senhora! Eliandro e outros blogueiros não querem ganhar dinheiro real com seu *site*, pois sabem que o Governo exigiria impostos sobre os ganhos. Por isso, eles criaram em comum acordo um banco digital com uma moeda virtual chamada PEPITA. Essa moeda pode ser trocada por serviços ou produtos em diversas empresas e lojas comerciais. Seu filho juntou tantas pepitas que poderia entrar em um *site* de automóveis e comprar um carro importado, comprar viagens de avião, alugar um frigorífico e alugar uma casa. E ele fez tudo isso, segundo os últimos dados de sua conta na internet.

– Isso é mentira! – gritou Eliandro.

Andrade sorriu:

– Para que mentir para sua mãe, Eliandro? Mentir é feio. Você passou uma verdadeira montanha de pepitas para um matador de aluguel comprar tudo o que precisava para dar conta de seus rivais.

– Eu nunca gastei minhas pepitas – disse Eliandro. – Eu nunca movimente a minha conta. Estava guardando dinheiro para comprar uma casa para mim.

A mãe de Eliandro se assombrou:

– Mas aquele computador... aquilo lá é só um brinquedo!

– Não é um brinquedo, minha senhora – rebateu Andrade entregando para a mulher documentos que comprovavam a movimentação do dinheiro virtual. – Veja esse documento. Ele é uma prova concreta de tudo que falamos.

A mulher leu os documentos e se assombrou:

– Meu filho, como você pôde esconder tudo isso de mim?

– Mãe, é mentira! – exclamou Eliandro. – Eu nunca lhe contei sobre o banco virtual pois você jamais compreendia. Mas eu nunca mexi no meu dinheiro. E eu nunca mandei matar ninguém, eu juro!

Passados alguns segundos, Luizinho despontou no corredor com outra pasta nas mãos.

– Chegou o resultado da perícia no computador – disse o assistente.

– E então? – indagou Andrade.

Luizinho fez um sinal de positivo com a cabeça.

– Está vendo? – disse Andrade para Eliandro. – A casa caiu, companheiro. Acabamos de desvendar todo o mistério. Em seu computador foram encontradas as conversas que



o colecionador de amig@s

você teve com suas vítimas, assim como o programa que rouba a identidade dos computadores de todos os blogueiros.

– É mentira, é mentira! – exclamou o garoto.

– Dê a sua confissão e certamente daqui a quatro anos sairá da cadeia.

– Não! – exclamou Eliandro.

Andrade olhou para a mãe de Eliandro e pediu:

– Senhora, seu filho precisa cooperar conosco. As provas são irrefutáveis.

A velha mãe de Eliandro não quis olhar nos olhos do filho. Apenas disse:

– Anda meu filho, faz o que o homem está pedindo! Vai ser melhor para nós dois.

Eliandro levantou a cabeça e, atônito com o pedido de sua mãe, disse:

– Mãe, você não confia em mim? Eu não matei aquelas pessoas!




– As provas não mentem, meu filho! – exclamou a mulher com a cabeça baixa. – Assuma seus erros, ou será pior, mil vezes pior.

– Mas não fui eu.

Andrade passou a mão na boca e, com olhos de lince, indagou:

– De que maneira você poderia saber, ainda durante a investigação, que se tratava de um assassinato? Como poderia postar em seu *blog* informações sigilosas sobre os crimes se apenas a polícia tinha acesso a essas investigações? Assuma, Eliandro! Assuma a sua real identidade! Você é o verdadeiro Colecionador de amigos!

– Tá bom, eu assumo! – gritou o jovem. – Eu assumo. Fui eu!



A mãe de Eliandro teve um mal súbito e desmaiou. O jovem abaixou para ajudá-la, mas foi impedido pelos policiais.

– Levem-no! – ordenou Andrade.

Luizinho acompanhou o jovem até a porta. De lá, Eliandro viu sua mãe se recuperando do desmaio e, emocionado, disse:




– Estou cansado de ser perseguido. Estou cansado, muito cansado.

Andrade colocou a mulher sentada em uma cadeira e, limpando o suor da testa com um pano, passou pelo delegado e disse:

– Missão cumprida. Temos uma confissão gravada em vídeo e áudio. Agora me deixe em paz.

O delegado estava aturdido com o desfecho do caso e, arrependido por ter duvidado de seu mais antigo policial, disse:

– O computador dele possuía indícios de que ele cometera todos os crimes. Você se aposentará com uma medalha de honra ao mérito.



J á passava das 22 horas e Andrade ainda se encontrava na delegacia, debruçado sobre toda a papelada do processo. Seus colegas deixavam a repartição e olhavam para o velho inspetor com surpresa, afinal, faltavam poucos dias para o homem se aposentar e, mesmo assim, ele se mantinha firme na investigação.

– Homem, você já desvendou o mistério – disse um de seus colegas. – Vá para casa curtir a sua aposentadoria com méritos.

Andrade não gostava de compartilhar seus pensamentos com seus colegas, mas resolveu abrir uma exceção:

– Eliandro não poderia ter atuado sozinho – respondeu, mau humorado, bebericando o café ruim da repartição. – Existem lacunas nesse processo que precisam ser preenchidas.

Andrade sabia que a situação era mais grave do que parecia, e que exigia maior cuidado de sua parte. Quando Luizinho trouxe o laudo sobre o computador, o velho inspetor tinha certeza de que o equipamento estaria livre de qualquer indício.

– Afinal, um gênio da computação saberia limpar todos os registros antes de ser preso.

Andrade tinha certeza de que Eliandro era inocente. Ele sabia inclusive que o jovem havia invadido o sistema da po-



lícia para roubar informações sobre os crimes e publicá-las em seu *blog*.

– Eliandro sabia que poderia ser preso por isso. Foi por esse motivo que ele correu de mim e jogou o computador pela janela – elucubrou o velho inspetor.

Andrade sabia que Eliandro seria a próxima vítima do misterioso assassino e pretendia mantê-lo por perto.

– E qual seria a melhor maneira de protegê-lo a não ser prendendo-o? – indagou Andrade, perdido em seus pensamentos. – Esse assassino é um *serial killer*. Ele precisa matar a quinta vítima ou não conseguirá dormir à noite. Ele terá que vir aqui se quiser alcançar seus objetivos.

Andrade pensava que Luizinho havia blefado quando informou que o computador de Eliandro possuía provas. Qual não foi a surpresa do inspetor quando o delegado confirmou o laudo tecnológico informando que o computador do adolescente, de fato, possuía indícios dos terríveis assassinatos.

– Algo não está encaixando – resmungou o velho inspetor diante de seu antigo computador.

Andrade sentiu a presença de alguém próximo de sua mesa. Tomou um susto com o vulto, mas logo percebeu que se tratava da mãe de Eliandro e, com um sorriso raro no rosto, respirou aliviado:

– A senhora me deu um susto.

A mulher vestia um longo sobretudo, um imenso chapéu que escondia seu rosto e uma bolsa que ocupava todo o seu colo.

– O que deseja, madame?

– Quero ver o meu filho – respondeu a mulher, firme.

– Estou ocupado agora, senhora, mas...

A mulher retirou uma arma de dentro da bolsa e, trêmula, a apontou para o investigador.

– Não me faça cometer uma tragédia!

Andrade tomou um susto com a atitude da mulher e, tentando manter a calma, disse:

– A senhora poderá piorar tudo dessa maneira. A senhora não me deu tempo para explicar. Eu estou ocupado, mas a levarei até seu filho.

– Agora mesmo. Anda! – exigiu a mulher com a arma ainda em punho.

– Tudo bem, tudo bem – concordou o policial. – Mas esconda a arma, ou logo estará cercada por um monte de policiais.

A mulher se deu conta de que Andrade cooperava e, escondendo a arma por dentro do sobretudo, acompanhou o velho policial até o xadrez.

– É aqui que meu filho está? – indagou a mulher, com nojo do local.

– Ele foi acusado de assassinato. Quería o quê? Um hotel com camas fofinhas? – indagou Andrade.

– Sem piadas, ande! – exigiu a mulher. – Meu filho é inocente e você não vai tirá-lo de mim.

Andrade retirou um molho de chaves para abrir as grades que separavam o xadrez do resto da delegacia. Aproveitou para conversar com a mulher:

– A senhora sabe que poderá ser indiciada por ameaçar um policial com essa arma de brinquedo, não é mesmo?

A mulher se sentiu envergonhada. “Como é que ele descobriu?”, indagou-se.

Andrade começou a rir. Era uma risada engasgada, dessas que há tempos não vê a luz do dia.



– Pare de rir de mim – disse a mulher, incomodada. – Não sabe o que uma mãe é capaz de fazer por um filho.

– Eu sei, eu sei – chorou de rir o homem. – A senhora não se preocupe. Não foi seu filho que assassinou aqueles blogueiros.

– Mas o senhor disse que foi!

Andrade explicou rapidamente o motivo que o levou a prender Eliandro. A mãe do rapaz respirou aliviada e deixou uma lágrima escorrer pelo seu rosto:

– Eu tive tanto medo! – exclamou a mulher.

– Antes preso do que morto, minha senhora – explicou Andrade.

– Eu preciso pedir perdão ao Eliandro e dizer que ele não fez nada de errado. Estou muito arrependida!

Andrade finalmente conseguiu abrir todas as fechaduras. Após passar pela grade de proteção, o homem disse:

– Não se preocupe. Venha conversar com ele e tudo ficará bem.

O inspetor procurou por Eliandro em sua cela e não o encontrou. Preocupado, pegou o celular e ligou para o porteiro da delegacia.

– O que está acontecendo, inspetor? – indagou a mãe de Eliandro. – Onde está meu filho?

– Eu não sei – respondeu o policial com o celular na orelha. – Vou tentar descobrir. Alô! Preciso saber para onde levaram o prisioneiro Eliandro da Costa Nunes.

Andrade ficou mudo por alguns segundos. Depois desligou o celular e, com o semblante preocupado, disse para a mãe.

– O porteiro informou que Eliandro foi levado da delegacia. Isso não foi autorizado. Venha comigo.

Quando Eliandro acordou, o escuro tomava conta do ambiente. O rapaz sentia-se zozzo e com uma terrível dor de cabeça.

– Ora vejam só – uma voz chamou sua atenção. – Finalmente chegou a sua vez, senhor ChasedBoy.

– Quem é você? – gritou Eliandro, nervoso, perdido na imensa escuridão que o cercava. – O que aconteceu comigo?

– Eu não sou ninguém, sou apenas uma pessoa que admira muito o seu *blog*. E, respondendo a sua outra pergunta, você foi dopado e mantido em meu poder nas últimas horas.

– Eu não consigo enxergar nada! – gritou Eliandro.

– Estamos num ambiente fechado e escuro.

– Por que está fazendo isso comigo? – indagou o menino.

A pessoa sorriu de cinismo:

– Eu não sou uma pessoa importante como você. Eu não pertencço ao grupo dos cinco maiores blogueiros do país. Você e os quatro falecidos deixaram isso muito claro na última reunião que definiu a criação do banco virtual. Eu e muitos blogueiros tão talentosos quanto vocês não teríamos o direito de ter uma conta no seu banco. Acontece que, com o passar do tempo, as empresas deixaram de anunciar nos *blogs* que não faziam parte desse seleto grupo de personalidades e nós ficamos na pior.

Eliandro se lembrava dessa reunião. Acontecera na garagem de Vicente dois anos antes, quando os primeiros patrocinadores demonstraram interesse em investir nos *blogs* mais acessados do país. Naquele dia reuniram-se os cem maiores blogueiros do país. Seria impossível lembrar-se de todos.

– Eu sou o Killer! – exclamou a aberração criminosa. – Eu cuido do sexto *blog* mais famoso do país. E como estava fora do seu grupinho de gênios, meu *site* sempre foi considerado o primeiro entre os últimos. Meu *blog* sobre mortes e assassinatos sempre teve imensa repercussão entre os adolescentes, mas eu não conseguia arrecadar o mesmo que vocês. Por isso, precisei mudar minha estratégia. Invadi o sistema do seu computador, roubei sua senha do banco virtual e tive acesso aos imensos recursos que você possuía. Com o seu dinheiro foi fácil matar cada um de seus colegas. Agora eles serão eternamente lembrados pelos apelidos que tinham e eu poderei ter os patrocinadores só para mim. E as grandes empresas virão quando meu *site* aumentar a audiência, pois pretendo publicar as fotos que tirei de cada blogueiro assassinado.

O malfeitor gargalhou sofregamente, mas um barulho de celular o fez se calar.

A alguns quilômetros dali, Andrade falava com seu assistente pelo celular:

– Oi, Luizinho.

– Oi, chefe!

– Você já deve saber que estamos no meio de uma emergência. O prisioneiro fugiu.

A mãe de Eliandro, sentada no carona do carro de Andrade, protestou:

– Prisioneiro? Mas o senhor disse que ele era inocente.

Andrade tapou o microfone do celular e disse:

– Fique quieta!

A mãe de Eliandro se sentiu ofendida, mas obedeceu ao policial. Andrade continuou a conversa:

– Como é que vão as coisas por aí? Pelo barulho, vejo que está na estrada!

Luizinho respondeu:

– Amanhã é meu dia de folga. Resolvi visitar os meus pais no interior.

Andrade cortou:

– Não minta pra mim, Luizinho. Faço parte da polícia há trinta e cinco anos. Perdi um parceiro recentemente, sofri muito, e tenho certeza de que você deseja ocupar o lugar dele no meu coração. Para isso, não podemos ter segredos um com o outro.

Luizinho rebateu:

– Mas você está se aposentando, Andrade. Não preciso mais agradar você.

Andrade riu:

– Estou me aposentando, mas não estou morto. Diga, para onde levaram o garoto? Sabe que não pode esconder nada de mim. Veja, eu não chamei os nossos colegas. Quero apenas propor uma divisão do dinheiro após o extermínio da vítima.

A mãe de Eliandro se benzeu. Luizinho estava bobo:

– Como... como o senhor soube?

– Muitos anos de experiência, Luizinho – comemorou Andrade. – Agora nós temos um problema sério para resolver. Sempre soube que Eliandro não tinha culpa no cartório, mas estava de olho na grana dele, por isso queria mantê-lo preso. Achei que você fosse meu parceiro e agora sei que



colocou as provas no *notebook* do garoto. Bom trabalho. Eu nunca imaginei que você fosse capaz.

Luizinho sentiu-se orgulhoso:

– Eu sou muito melhor do que o senhor pensa, Andrade.

– Estou impressionado – concordou o velho policial.

– Você me deixa orgulhoso, filho! Agora que tal me deixar ajudá-lo a terminar o serviço?

Luizinho decidiu parar o caminhão que dirigia. O rapaz tinha um rádio amador que captava o sinal da polícia e sabia que Andrade falava a verdade. Seus colegas ainda não haviam sido alertados.

Andrade insistiu:

– Diga onde está, Luizinho, e irei até você.

– Nós estamos indo para a BR 500, na altura do...

Andrade ouviu um barulho de tiro que o fez afastar o ouvido do celular.

– O que foi isso, o que foi isso? – gritou a mãe de Eliandro.

– Um tiro – respondeu o inspetor pisando fundo no acelerador. – Meu assistente foi morto!

– E agora, como sei se posso confiar no senhor?

O homem respirou fundo e respondeu:

– Eu estava blefando com o Luizinho. Ele sempre quis minha atenção e eu usei isso contra ele.

A mãe de Eliandro respirou aliviada:

– Ufa, por um minuto eu pensei...

– Minha filha, Melissa, é uma grande entusiasta do mundo virtual. Desde pequena, ela invadia os computadores da escola para tentar trocar suas notas no boletim. Tivemos inúmeros problemas por causa disso. Aos poucos, fui percebendo que ela poderia me ajudar com os casos de crimes

tecnológicos. Quando ela soube que o famoso Chasedboy corria risco de vida, se ofereceu para ajudar. Ela queria muito saber a verdadeira identidade do dono do *blog* e ficou animada quando pedi que instalasse um espião virtual em seu computador, não só para investigar Eliandro, como também para protegê-lo caso ele não fosse o assassino. Foi assim que eu descobri que o computador dele não possuía provas e que Eliandro não era o assassino. Quando Luizinho me informou que o computador tinha provas contra Eliandro, percebi que havia algo errado, pois Luizinho não possuía inteligência o bastante para fazer tamanho blefe.

– Mas como teve certeza de que era ele? – indagou a mulher.

– Eu não sabia – respondeu o homem. – Eu joguei verde e colhi maduro. Mas agora vejo que eu tinha razão. Luizinho era fraco e estava a serviço de alguém um pouquinho mais inteligente que ele.

– Para onde nós vamos? – indagou a mulher, assustada com a forma arriscada como o policial dirigia.

– Vamos salvar o seu filho – respondeu o policial. – Está vendo esse botão no painel?

– Sim.

– Aperte!

A mulher apertou o botão e acionou a sirene do carro.

– Muito bem! – disse Andrade com o olhar fixo na direção.

– Não vamos chamar reforços? – indagou a mulher.

– Não – respondeu o homem, sisudo. – Eu já não sei se posso confiar em mais alguém naquela delegacia.

A BR 500 era uma antiga estrada de terra bem estreita que ficava no alto de uma montanha. Localizada em uma



área rural, não costumava receber grande quantidade de veículos, muito menos no começo da madrugada. Eliandro rezava dentro da caçamba do caminhão quando sentiu o veículo parar. Segundos mais tarde, as portas da caçamba se abriram e o jovem pôde finalmente ver o seu malfeitor por completo. Ele era careca e vestia um belo terno importado.

– Saia do carro, moleque! – disse o algoz apontando-lhe uma arma.

Eliandro se lembrou do momento em que entrou na delegacia de polícia e viu Luizinho, assistente do inspetor, entregar os restos de seu computador quebrado para um perito em tecnologia.

– Você! – exclamou o rapaz. – Não tem vergonha das coisas que está fazendo, policial?

O perito em tecnologia deu um sorriso e, balançando a arma, disse:

– Vergonha? Como assim? Você não me admira por tudo que eu fiz? Eu fui capaz de matar os seus colegas sem que ninguém percebesse! Eu criei o plano perfeito e agora sinto muito orgulho por finalmente conseguir tudo o que é meu por direito.

– O que vai fazer comigo? – indagou o menino, assustado.

O perito riu:

– Aquele policial de meia pataca achou que conseguiria mudar as regras do jogo prendendo você. Ele achou que poderia escrever um final diferente para a minha obra prima. Eu lhe digo: fiquei tentado em deixá-lo apodrecer naquela cadeia e receber a culpa de todos os meus crimes. Seria um final intelectual e refinado: o Chasedboy finalmente acabaria encarcerado, perseguido, como o seu apelido sugere. Mas tem algo que eu não poderia fazer se você fosse preso.

O perito lançou fotos sobre Eliandro. O menino não conseguiu olhar, pois ali estavam as faces cadavéricas de todos os blogueiros mortos pelas mãos do terrível malfeitor.

– Eu tinha que ter a foto do seu cadáver na minha coleção – disse o assassino. – Tire a sua camisa, Eliandro!

Amedrontado, Eliandro tirou a camisa e sentiu uma enorme ardência nas costas quando fez isso.

– Agora vá para a frente do caminhão.

Eliandro arrepiou-se com o frio da noite. Os dois deram a volta no veículo, e o jovem assustou-se ao ver o corpo ensanguentado de Luizinho jogado na estrada.

– Agora deixe-me tomar o assento do motorista – disse o perito.

O perito subiu na boleia do caminhão e, ainda apontando a arma para Eliandro, ordenou:

– Corra.

Eliandro não entendeu a ordem.

– Como é?

– Corra!

Eliandro deu as costas para o perito e saiu correndo pela estreita estrada de terra. O policial se regozijou ao ver a tautagem “O Colecionador de amig@s” iluminada pelo farol do caminhão nas costas do menino.

– É agora! – exclamou o perito.

O perito virou as chaves e, às gargalhadas, deu partida no veículo.

– Veja como é bom ser perseguido de verdade, seu idiota! – gritou o criminoso pisando fundo no pedal de acelerador do caminhão.

Eliandro olhou para os lados e viu que não poderia se atirar pra lugar nenhum. À direita, havia um barranco



e à esquerda, o precipício. Ouviu o caminhão roncando e tentou correr ainda mais rápido. Sabia que, mesmo que corresse com o máximo de suas forças, jamais conseguiria escapar do atropelamento. De onde estava, o garoto podia ouvir os gritos ensandecidos do motorista do caminhão. Sentindo a energia escapar de seu corpo, esperou que o caminhão chegasse o mais perto possível para se atirar na úmida parede do barranco. O motorista ainda tentou jogar o caminhão sobre o garoto, mas percebeu que poderia perder a direção do veículo e passou batido pela vítima. O veículo passou rente ao rosto do rapaz, mas não o feriu. Cansado, o menino pôs-se a correr na direção oposta da estrada.

– Volte aqui – gritou o perito. – Você não pode escapar de mim, seu idiota!

O perito abandonou o caminhão e passou a perseguir Eliandro a pé. O rapaz sabia que não poderia escapar, pois o malfeitor corria muito mais do que ele e estava com melhor preparo físico. Determinado a sobreviver, o rapaz fechou os olhos e fez o maior esforço que podia, mas já sentia seus pulmões alcançarem o seu peito.

– Eu vou morrer, eu vou morrer! – pensou o rapaz quando começou a ouvir os tiros.

– Não fuja de mim, Chasedboy – gritou o homem esvaziando o tambor de seu revólver. – Só vai dificultar um pouco mais as coisas e deixar a perseguição um pouco mais interessante para mim!

Um dos tiros alcançou o braço de Eliandro, fazendo-o rodopiar com o impacto. O menino deu um grito de dor e caiu no chão. Quando tudo parecia perdido, o rapaz avistou a luz vermelha de um carro da polícia.

– Olhe! Ali estão eles! – gritou a mãe do rapaz dentro do carro.

O perito viu o carro de Andrade ao longe. Assustado, guardou a arma e correu em direção ao caminhão. Imaginava que Eliandro estivesse morto e sabia que a escuridão protegeria a sua verdadeira identidade.

Andrade não podia perseguir o criminoso, pois Eliandro estava deitado na estrada estreita e isso impedia a passagem do carro.

– Ele vai fugir! – exclamou a mãe de Eliandro saindo do veículo.

– Nós teremos que pegar ele depois – disse Andrade vendo o criminoso aproximar-se do caminhão. – Eu não vou conseguir correr atrás dele. Não tenho mais idade para isso.

– Não tem idade?

A mãe de Eliandro levantou as saias, tirou os sapatos, tirou a arma da bolsa e saiu correndo atrás do malfeitor.

– Onde ela vai? – indagou Eliandro com a mão no braço ferido.

– Eliandro, como você está? – indagou Andrade, agachando-se para ver se o rapaz estava ferido gravemente.

– Eu estou bem! Por que minha mãe está aqui? Onde é que ela vai?

Andrade se levantou e viu a senhora correndo em direção ao caminhão. O inspetor colocou as mãos na cabeça e, totalmente vendido na situação, disse:

– Sua mãe acha que poderá prender o assassino com uma arma de brinquedo.

– Você precisa ajudá-la! – gritou Eliandro.

Segundos mais tarde, um disparo foi ouvido. Desesperado, Eliandro gritou:



– Mãe!

Mais dois tiros foram ouvidos. Andrade sacou sua arma e correu para perto do veículo. Preocupou-se quando viu uma poça de sangue iluminada pela luz do farol do caminhão.

– Polícia! Saia já com as mãos na cabeça! – gritou o inspetor.

Andrade ouviu gemidos.

– Senhora? – gritou o inspetor.

Para sua surpresa, o policial ouviu a mãe de Eliandro dizer, sôfrega:

– Pode vir, seu Andrade. A barra tá limpa por aqui.

Andrade deu a volta no caminhão e encontrou a mãe de Eliandro apontando uma arma de verdade para o criminoso ferido no chão. Analisou melhor a arma que empunhava e percebeu que a mulher havia trocado os dois revólveres quando ainda estavam dentro do carro.

– Como isso é possível? – indagou Andrade.

Sorridente, a mãe de Eliandro fitou o inspetor e disse:

– Sabia que é crime ameaçar os outros com uma arma de mentira, senhor Andrade?

Com a chegada do Natal, em pleno verão tropical, as temperaturas alcançaram um nível agradável. Todos estavam vestidos de bermudas e camisetas para comemorar o nascimento de Cristo e perpetuar as suas lições de amor e paz para a humanidade.

Andrade, já aposentado, vestia vermelho e ostentava uma imensa barba branca de brinquedo. Em sua barriga, eram depositados os seus presentes, dados por todos os seus colegas de repartição.

Eliandro usava uma tipoia para amparar o braço ferido, mas aproveitava o momento para atualizar seu *blog* com a mão que lhe sobrava e desejar feliz natal a todos os seus seguidores no Facebook.

A sala enfeitada por sua mãe possuía, agora, um espaço especial para o jovem trabalhar sem dor de cabeça.

– Muito legal a sua mãe ter convidado os policiais para comemorar o Natal em sua casa – disse Melissa aproximando-se do rapaz.

– Pois é – respondeu Eliandro. – Era o mínimo que podíamos fazer por seu pai e por todos que nos ajudaram.

– E como vai o *blog*? – indagou Melissa.

– Vai bem. Depois de tudo que aconteceu, o *site* ficou tão conhecido que agora vou precisar montar uma equipe para mantê-lo.

Melissa lançou charme:

– Quem sabe eu não trabalho com você?

Eliandro colocou a mão no queixo e disse.

– Parece uma boa ideia. Daí quando um hacker encher o saco, você o coloca pra correr.

Melissa jogou seus cabelos por cima do rosto do rapaz:

– Só eu posso espionar o seu computador, Chasedboy.

Os dois deram um beijo apaixonado. Fazia duas semanas que estavam de namoro. Eliandro já pensava na possibilidade de pedir Melissa em namoro, mas estava com medo da reação do sogrão.

– Meu pai é legal – dizia Melissa a todo instante. – Mas adora assustar os meninos atirando-os pela janela do primeiro andar da nossa casa.

Bom... digamos que o rapaz tinha motivos para ter medo. Além da reação do ex-policial, Eliandro também imaginava qual seria a reação de sua mãe, já que ele nunca namorara na vida.

– Minha mãe melhorou muito – comentou Eliandro. – Agora, está craque em computação. Depois que começou a frequentar o grupo de apoio aos idosos lá na minha escola, passou a usar a internet para tudo, até para comprar comida no supermercado.

De repente, o celular de Eliandro tocou. O jovem retirou o aparelho do bolso e percebeu que sua mãe acabara de curtir e comentar seu post no Facebook.

Melissa riu:

– Antes sua mãe só pegava no seu pé em casa. Agora ela vai pegar no seu pé o tempo todo, inclusive *on-line*.

– Pois é – sorriu Eliandro. – É o que dizia meu velho avô: tome muito cuidado com aquilo que você pede a Deus, pois ele pode dizer amém.

Os dois riram. O celular de Eliandro tocou mais uma vez.

– O que foi agora? – indagou Melissa.

Eliandro pegou o celular e corou.

– O que foi? O que foi? – perguntou Melissa tomando o celular das mãos do menino.

Melissa olhou o celular e ficou branca igual a um picolé de coco. Na tela do aparelho estava o novo perfil da mãe de Eliandro no Facebook, com uma foto recém-tirada de Eliandro beijando Melissa. Embaixo da foto, havia o seguinte comentário: #escondenãoqueéfeio,viu!





Fotomontagem: Cândida Cunha

JOÃO PEDRO RORIZ é escritor, jornalista e ator. É flamenguista, adora livros, futebol, teatro, poesia, cinema, viagens e pessoas. Ama seu trabalho. De 2009 até a publicação deste livro, lançou 17 obras infantojuvenis, muitas de caráter paradidático.

Realiza palestras dramatizadas sobre temas educacionais em todo o país. Devido ao sucesso com o público jovem, é reconhecido pela crítica especializada como uma das maiores revelações da literatura juvenil.

Site: www.joaopedrororiz.com.br

